

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Marina de Oliveira Duarte

Vidas Salgadas
O impacto da fibrose cística em nossas vidas

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Profº. Fernando Antonio Crocomo
no segundo semestre de 2016
Orientador: Profº. Samuel Pantoja Lima

Florianópolis
Fevereiro de 2017

	FICHA DO TCC Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC	
ANO	2016.2	
ALUNA	Marina de Oliveira Duarte	
TÍTULO	Vidas Salgadas: o impacto da fibrose cística em nossas vidas	
ORIENTADOR	Professor Samuel Pantoja Lima	
MÍDIA CATEGORIA <i>(produto jornalístico inteiro: uma revista, um suplemento com várias matérias)</i> <i>(reportagem: um tema para um veículo; ex reportagem pra TV, revista)</i>	x	Impresso
		Rádio
		TV/Vídeo
		Foto
		Website
		Multimídia
		Pesquisa Científica (monografia)
		Produto Comunicacional (manuais, guias...)
		Produto Institucional
		Produto Jornalístico (inteiro)
		Local da apuração:
		(X) Florianópolis (X) Brasil
		(x) Santa Catarina
		(X) Internacional
		País: Argentina
ÁREAS	Livro reportagem; fibrose cística; mucoviscidose; histórias de vida; Jornalismo	
RESUMO	<p>Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo relatar alguns desafios cotidianos de pessoas adultas portadoras de fibrose cística (FC), uma doença rara. A narrativa é baseada em entrevistas com fontes e do meu relato pessoal, pois sou portadora de FC. As histórias apresentam a realidade que está fora dos livros de medicina, destacando o enfrentamento da vida adulta quando já se tem por natureza muita preocupação – e a luta pela sobrevivência, um dia de cada vez. O livroreportagem está organizado de forma temática. O recorte de vida realizado não se dá pela progressão da doença, mas sim pelo conhecimento do estado clínico e de seu tratamento, fatores primordiais para que se possa falar sobre o problema. O objetivo específico foi mostrar e gerar o questionamento do impacto da fibrose cística na vida de quem convive direta ou indiretamente com a doença, qual é esse tipo de vida e quais são os seus obstáculos diários.</p>	

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo relatar alguns desafios cotidianos de pessoas adultas portadoras de fibrose cística (FC), uma doença rara. A narrativa é baseada em entrevistas com fontes e do meu relato pessoal, pois sou portadora de FC. As histórias apresentam a realidade que está fora dos livros de medicina, destacando o enfrentamento da vida adulta quando já se tem por natureza muita preocupação – e a luta pela sobrevivência, um dia de cada vez. O livrorreportagem está organizado de forma temática. O recorte de vida realizado não se dá pela progressão da doença, mas sim pelo conhecimento do estado clínico e de seu tratamento, fatores primordiais para que se possa falar sobre o problema. O objetivo específico foi mostrar e gerar o questionamento do impacto da fibrose cística na vida de quem convive direta ou indiretamente com a doença, qual é esse tipo de vida e quais são os seus obstáculos diários

Palavras-chave: Jornalismo; Livro reportagem; fibrose cística; mucoviscidose; histórias de vida;

SUMÁRIO

1 CONTEXTO.....	5
1.1 Em Santa Catarina.....	6
2 JUSTIFICATIVA.....	7
2.1 Do tema.....	7
2.2 Da mídia.....	8
3 PRODUÇÃO.....	9
3.1 Pré-produção.....	9
3.2 Apuração.....	9
3.3 Fontes.....	10
3.4 Redação.....	11
3.5 Revisão.....	12
3.6 Artes e diagramação.....	12
4 PÓS-PRODUÇÃO.....	13
4.1 Orçamento.....	13
5 DIFICULDADES E APRENDIZADO.....	14
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16 6.1
Livros.....	16 6.2
Artigos.....	16
6.3 Trabalhos acadêmicos.....	17
6.4 Jornais.....	17
6.5 Site.....	17

1. CONTEXTO

A fibrose cística (FC), também conhecida como mucoviscidose ou doença do beijo salgado, é uma doença sistêmica, genética, autossômica e recessiva. É considerada pela Organização Mundial da Saúde uma doença rara e, no Brasil, é a doença rara mais comum. É predominantemente encontrada em caucasianos e caucasianas e suas regiões de maior incidência são as regiões Sudeste (48%) e Sul (21%), porém, são questionáveis devido a fatores como a baixa triagem neonatal em outros estados e pela má identificação da doença.

Santa Catarina é um dos melhores estados brasileiros para o tratamento da fibrose cística, sendo inclusive o primeiro estado a incluir na triagem neonatal o teste para a doença no ano 2000, um ano antes do resto do país, atraindo pessoas de outros estados para cá em busca de melhores condições.

Em 2001, um estudo dirigido pelo pesquisador Salmo Raskin, apontou que uma pessoa nascida viva em cada 12.195 pessoas em Santa Catarina possui Fibrose Cística. Segundo o Registro Brasileiro de Fibrose Cística realizado em 2013, 25% da população brasileira com fibrose cística tem mais de 18 anos. Esse é um grande número se comparado aos dados do ano 2000, onde a média de vida era menos que 10 anos. Porém, se torna um número pequeno ao comparar com os Estados Unidos da América, onde mais da metade dos portadores e portadoras já atingiram a idade adulta.

A escolha por retratar pacientes adultos se deu pela proximidade com a minha vivência e por acreditar que, como no Brasil a predominância ainda é infantil, ao chegar na fase adulta não há muita discussão da adequação do tratamento aos novos eventos da vida, o que acaba gerando um grande 'e agora?' depois dos dezoito anos.

Ainda acho necessário explicar o título do livro:

- Vidas salgadas: a fibrose cística também é conhecida como doença do beijo salgado pois uma resposta perceptível da doença logo no início da vida é uma pele mais salgada, pois o defeito da doença acontece nos canais de sódio das células, deixando o suor mais salgado. Uma conhecida frase utilizada nas campanhas de divulgação da doença é: nem todo beijo de amor é doce.

- O impacto da fibrose cística em nossas vidas: a respeito da palavra ‘nossas’, ainda que eu não fosse portadora, apenas por conviver com alguém, a minha vida já estaria entrelaçada com a do portador.

2. JUSTIFICATIVA

2.1 Do tema

A escolha do tema partiu essencialmente da minha vivência e percepção de alguns estranhamentos das pessoas em relação à minha rotina. Há muito se vem pesquisando na área de saúde os efeitos da fibrose cística nos pulmões, estômago, pâncreas, articulações e todos os órgãos e sistema, devido ao seu alto impacto. Porém, ao estudar e publicar notícias sobre tais assuntos, a vida do portador ou portadora acaba por ficar em segundo plano, por vezes gerando essa surpresa que percebi com meus amigos e familiares – ainda que muito contida ou disfarçada – ao saber que o portador ou portadora, apesar de suas fisioterapias e inalações, também estuda, trabalha, bebe, dança e interage com o mundo.

Ao procurarmos reportagens no jornalismo sobre pessoas com fibrose cística ou qualquer outra doença crônica, é comum nos depararmos com textos falando sobre a força dessas pessoas que, apesar de um diagnóstico nada promissor, evoluem na vida, casam-se e ‘levam uma vida normal’.

Sou uma portadora participativa, consciente das minhas limitações e, na medida do possível, ativa na divulgação e no suporte a outras pessoas na mesma condição que vivo. Há alguns anos possuo um blog onde conto minhas experiências de “vida real” com a fibrose cística e, ao longo do tempo, percebi como essas questões são latentes a todos e todas que convivem com a mesma patologia. Mais ainda, algumas questões são as mesmas para outras pessoas que precisam ter um controle de vida como a FC exige.

A proposta desse trabalho é mostrar exatamente essa vida dita como normal com o impacto da fibrose cística com questões práticas: o que acontece quando eu bebo? Como eu vou explicar para o meu chefe que eu preciso de fisioterapia? Ao me relacionar com alguém, apresento minha doença na primeira hora? O que é, afinal, essa vida que o mundo insiste em chamar de ‘vida normal’ dos portadores de fibrose cística? Ela é de fato normal?

2.2 Da mídia

Percebi que, se fizesse o projeto em texto, ele poderia dar certo. A angulação precisaria ser outra, para ter cunho mais jornalístico. Ao invés de fazer um mapa com os times extintos e apontar suas maiores conquistas e maiores jogadores, concluí que seria mais interessante contar histórias que se passaram pelo futebol catarinense, não necessariamente com equipes que já não atuam profissionalmente, mas, sim, de uma época mais ao passado.

O motivo dessa escolha é por, além de haver muitas pessoas que são saudosistas e consideram o passado a melhor fase do futebol brasileiro, a “época de ouro”, é de interesse histórico que existam resgates de narrativas que se passaram e não foram registradas e lembradas hoje. Através do texto, seria mais fácil contar esses acontecimentos e também mostrá-los com detalhes mais ricos.

3. PRODUÇÃO

3.1 Pré-produção

Uma vez que o tema e a mídia foram escolhidos, comecei a pesquisa de times e jogadores com os quais poderia falar. Nesse processo, a ida à Biblioteca Pública de Santa Catarina ajudou muito a encontrar boas pautas e nomes de jogadores (apesar de muitos não terem seus sobrenomes divulgados, o que atrapalhou bastante). Os jornais os quais acessei e utilizei informações foram: *O Estado*, *Diário Catarinense* e *A Notícia*. Além disso, foi nessa e na Biblioteca Universitária da UFSC que consegui ótimos livros sobre a história de personagens e de campeonatos do futebol catarinense.

Algo que também me auxiliou muito foi o vasto acervo do professor Mauro, meu orientador, a respeito do tema. Foi com ele que consegui alguns TCCs produzidos na área que me guiaram nas informações. A partir da leitura desses conteúdos, fiz um levantamento de jogadores importantes com os quais gostaria de falar.

3.2 Apuração

No início do semestre 2016.1, fiz uma pauta da disciplina de Telejornalismo II no estádio Orlando Scarpelli e, por coincidência, encontrei o Orivaldo (primeira fonte entrevistada para o trabalho). Peguei seu contato e através dele consegui o telefone de mais jogadores.

No final das entrevistas, sempre pedi aos jogadores como contatar outros que tenham passado pelo futebol catarinense. Assim consegui a maioria das fontes. Pelo facebook, entrei no grupo “Futebol catarinense das antigas” e lá achei mais alguns jogadores, com os quais também entrei em contato e agendei entrevistas.

Apenas uma das entrevistas não foi feita pessoalmente, pois a fonte reside no estado do Rio de Janeiro. Algumas viagens foram necessárias para as entrevistas. As cidades visitadas foram: Joinville (duas vezes, uma no início de setembro e outra no meio de outubro), Brusque, Itajaí e Gaspar (no final de setembro), Balneário Camboriú (no meio de setembro), Curitiba (no início de outubro) e Chapecó (em agosto e novembro). Além delas, fiz entrevistas em Florianópolis.

3.3 Fontes

Foram 19 pessoas, 17 portadores de fibrose cística e 2 médicos da área: Norberto Ludwig pneumologista e Omar Pivetta geneticista:

- Ana Claudia Petri
- Bruno*
- Davi*
- Edilson Palancio
- Eduardo Schramm
- Helena Lestechen
- Lucas *
- Luma de Oliveira Alves
- Matheus Leão
- Nair Alves dos Santos Dias
- Natan Takeuchi Ayres

- Norberto Ludwig Neto
- Omar Hilario Pivetta
- Pamela Ullrich
- Pedro*
- Thaise Oliveira Paula
- Thamiris Cunha de São Sabas
- Vanessa Nicolete
- Verônica Stasiak Bednarczuk de Oliveira

Além dos jogadores, conversei com jornalistas da área, dirigentes esportivos e torcedores. Foram eles: Ivan Carlos, Daniel Fasolin, Adalberto Kluser, João Carlos Rebello Cunha, Dejair Fernandes, Vilmar Puccini Jr. e Juliano Schmidt.

O roteiro de entrevistas foi bem aberto, com perguntas subjetivas que facilitaram respostas longas e muito diferentes umas das outras. O objetivo foi encontrar peculiaridades no que cada entrevistado disse e continuar a questionar a partir do que eles responderam.

É importante ressaltar que a narrativa foi contada através das histórias que os entrevistados compartilharam, focando no que eles informaram. A intenção nunca foi fazer um relato completo de todos os jogos importantes e todas as equipes do estado, mas sim mostrar o olhar dos entrevistados sobre os acontecimentos.

3.4 Redação

Me baseei nas crônicas de Nelson Rodrigues na hora de tentar escrever os textos. Acredito que o que ele escreveu é o mais próximo a o que eu pretendia chegar. Optei por usar informações no lugar das opiniões que ele escrevia, mas a intenção dos textos é parecida.

Como os capítulos são interligados, mas podem ser lidos separados, comecei a redação do TCC sem ter terminado todas as entrevistas. Escrevi na ordem de término das conversas com as fontes de cada capítulo.

A ordem exata da redação foi:

1. “Na cidade das flores, o coração é vermelho, preto e branco” (Capítulo 4);
2. “Carvão e areia viram cinzas” (Capítulo 3);
3. “A força verde que vem do oeste” (Capítulo 5);
4. “Uma ponte, dois times e uma rixa centenária” (Capítulo 2);
5. “O azul da ilha contra o verde e preto do continente” (Capítulo 1).

Percebi que nos dois últimos capítulos que escrevi, a narrativa foi perdendo a força e eles ficaram mais curtos. Acredito que um pouco disso se deve à sensação de estar se repetindo nos textos e à falta de fôlego em escrever muito sobre um tema só, pois durante a graduação não tive a aventura de escrever tanto em um trabalho só. O total de caracteres foi de 130.225, somando o prefácio mais os cinco capítulos.

A opção pela ordem de capítulos como está foi para respeitar a linha de tempo de acontecimentos. Por exemplo, o primeiro capítulo relata a vinda do futebol para Santa Catarina e o último traz a história mais nova das relatadas, que aconteceu em 1996.

Junto ao orientador, decidimos que seguiríamos o seguinte padrão: números para placares, camisetas de jogadores e entre 1 a 10. Nos outros casos, optamos por seguir o convencional e escrever os números.

A respeito dos nomes dos capítulos, achamos interessante adotar o padrão que o jornalista Léo Gerchmann usa em seu livro “Viagem à alma tricolor em 7 epopeias”, onde o autor nomeia os textos trazendo a parte principal do que vai contar em cada uma das narrativas.

Sobre o vocabulário, em conversa com o orientador, decidimos que seria interessante e propício utilizar algumas palavras familiares aos leitores de conteúdo esportivo, sem explicarmos seus significados em quaisquer partes do texto.

3.4.1 - Capítulo 1

Escuro abre o livro contando histórias de pessoas que - por algum momento ou pela vida inteira - não contam que tem fibrose cística. Esse foi o segundo capítulo que redigi e foi mais tranquilo de fazer do que o Sete. A preocupação maior foi contar a história do Bernardo, colocado no texto como Pedro. Apesar de não concordar com a decisão dele de omitir de todo mundo -

e perceber claramente o impacto negativo da doença na vida dele - não poderia colocar de uma forma que as pessoas achassem que o que ele faz é errado. No capítulo como um todo, procurei passar a mensagem que cada um tem direito de escolher como levar a sua própria vida.

3.4.2 - Capítulo 2

CID: E84 foi escolhido como título do segundo capítulo, que aborda especificamente o diagnóstico, tratamento e a relação com os médicos.

3.4.3 - Capítulo 3

A ideia do capítulo 3 veio depois de uma tarde de reclamações com o meu pai. Comentava com ele o quanto o assunto trabalho era algo presente e muito difícil entre os meus entrevistados. Percebi que a esmagadora maioria trabalhava independente ou com algum parente. Além disso, sempre soube o quanto a rotina pode ser esgotante física e mentalmente. Juntei em um capítulo o valor de todas essas coisas: o monetário, o tempo e a disposição de cada um. *Quanto custa* foi o penúltimo capítulo a ficar pronto.

3.4.4 - Capítulo 4

Esse capítulo fala sobre a rotina além do tratamento, tema que propus no projeto deste Trabalho de Conclusão de Curso, por isso foi nomeado *Hoje*. Além do dia a dia, apresentei os sonhos que a partir de agora podem existir e abordei também como se sentem sobre a expectativa de vida, um assunto muito presente em uma doença cuja expectativa no Brasil não passa dos 15 anos.

3.4.5 - Capítulo 5

O capítulo 5 conta as histórias dos relacionamentos envolvendo a fibrose cística, sejam eles afetivos ou amoroso e também sobre ter filhos, assunto delicado tanto para o homem quanto para a mulher com fibrose cística. *Passando adiante* foi escolhido como título para dar sentido de continuidade da vida. Esse foi o terceiro capítulo a ser redigido, pois a última entrevista com o Renan (Lucas) só foi feita na primeira semana de janeiro pela incompatibilidade total de horários.

3.4.6 - Capítulo 6

3.4.7 - Capítulo 7

O último capítulo foi nomeado *Sete* e é exatamente esse número por ser nesse cromossomo que se encontra a proteína CFTR. Além disso, quis que os dados brutos e um texto mais próximo de uma revista médica ou similar ficassem por último devido ao meu argumento no prólogo: ao colocar esses números em primeiro lugar, deixamos que eles venham em primeiro em nossa vida, antes das histórias que carregamos. Neste livro, a proposta é o oposto: que as pessoas contem suas vidas e que os dados da doença ajudem a compor a narrativa, mas que não sejam o ponto central.

Comecei a redigir o capítulo *Sete* na última semana de novembro, mas sempre sentia que faltavam dados para o texto fluir, porque eu precisava parar o tempo todo para procurar o que eu escrevia porque lembrava de vivência de vida e conversa com outras pessoas. Parei a redação do capítulo para finalizar a outra disciplina que estava cursando e para procurar outros dados e facilitar na hora da escrita.

Em dezembro, na leitura das entrevistas, separei os dados científicos/teóricos mais importantes e que mais se repetiam ao longo dos textos para não me esquecer de destacar no capítulo final. Nessa parte percebi a necessidade de criar um glossário, para que durante a leitura dos outros capítulos, o leitor ou leitora encontrasse de forma rápida e breve o significado de algum termo.

Na segunda semana de janeiro, terminei de redigir o capítulo. Mesmo separando e organizando as referências, foi um capítulo lento para escrever. A todo tempo eu procurava mais uma vez confirmar se a informação que eu estava passando era a correta e se era também a mais atual. Não foi fácil porque não há muitos dados atuais sobre o assunto, e os que eram de datas mais recentes (2014), eu ficava em dúvida sobre colocar porque geralmente não achava outro artigo ou publicação que confirmasse.

3.5 Revisão

A partir do momento em que acabava os capítulos, os enviei para o Mauro e para a Ariane Maia, uma amiga, ajudarem na revisão. A visão da Ariane foi bem importante para eu corrigir alguns erros de ortografia e tempos verbais como também para tentar fazer o texto o mais entendível possível também para quem não lê apenas esporte. Ela tem bastante conhecimento sobre o tema, mas não lê muito a respeito.

O olhar do Mauro de especialista do futebol e jornalista com mestrado e doutorado voltado na área de História foi de extrema importância para me ajudar no objetivo de realizar um trabalho envolvendo esporte e história. Seus conselhos foram muito válidos para que o texto se adequasse ao máximo à proposta elaborada.

3.6 Artes e diagramação

As ilustrações foram feitas em conjunto por dois amigos, o Luiz Fernando Nascimento Menezes e a Amanda Ribeiro Marques. Ele desenhou e ela fez os acabamentos de coloração e finalização. O projeto gráfico, incluindo capa, diagramação e escolha de fontes do trabalho foi de autoria da Alice da Silva, outra amiga adquirida ao longo da graduação.

Não é exagero dizer que o trabalho só foi concluído com a ajuda desse time. Além do olhar sensível da Ariane, as ilustrações do Luiz e da Amanda conseguiram se comunicar perfeitamente com a proposta do texto e o projeto gráfico da Alice juntou todas essas coisas e as deixou com a melhor apresentação possível. Obrigada, gente.

4. PÓS-PRODUÇÃO

4.1 Orçamento

O custo da execução do projeto é de R\$1039,00 . As estadias em Joinville e Chapecó foram nas casas de amigo (André Breda, obrigada) e família, portanto, não arqueei com despesas. O custo da reportagem se restringiu aos gastos com transporte, ilustrações e projeto gráfico.

A impressão desse trabalho foi feita na Gráfica Duplic, perto da Universidade Federal de Santa Catarina. O papel utilizado para a capa foi o Aspen metalizado 240g. As folhas internas são polen 90g.

Produto	Valor
XV Congresso Latinoamericano de fibrosis quística (transporte e alimentação)	R\$140,00
DVD Palestra ‘família e a fibrose cística’	R\$170,00
Passagem para Buenos Aires (ida e volta)	R\$1000,00 (U\$290,00)
Consulta com geneticista especialista em FC	R\$526,00 (U\$150,00)
Alimentação (BsAs)	R\$150,00
Hospedagem (BsAs)	R\$150,00
Ilustrações - Frank Maia	R\$1500,00
Transporte (Curitiba)	R\$120,20
Alimentação (Curitiba)	R\$110,00
Hospedagem (Curitiba)	R\$165,00
Impressão (4 cópias)	

5. DIFICULDADES E APRENDIZADO

A maioria dos estudantes consideram o TCC um momento máximo da graduação, o teste final para ver se está pronto para o mercado de trabalho. Eu encarei o trabalho como uma forma de fazer um produto que não sei se terei a chance de produzir tão cedo, devido às circunstâncias de se formar e exercer a profissão “onde der para conseguir um emprego”. Como mencionei anteriormente, não havia escrito uma reportagem tão longa como a apresentada e esse foi um dos maiores desafios enfrentados no decorrer desses últimos meses.

Me referindo especificamente ao trabalho, a principal dificuldade

encontrada foi de não conseguir entrevistar algumas fontes pelo fato de elas já terem morrido. Várias passagens do texto são baseadas apenas em um depoimento e em leituras de jornais e livros. Assim, não consegui colocar tantos detalhes quanto quis. No começo, o acesso aos jogadores foi bem complicado. Por não ter seus sobrenomes, fiquei um tempo tentando localizar alguns. O fato de vários atletas terem o telefone de outros ajudou muito no processo de entrar em contato.

Outra dificuldade foi a de verificar algumas informações específicas, como formação dos times (algumas não batiam com o que a fonte dizia e o jornal informava), autoria do gol em um jogo em particular, e como saber que aquela jogada descrita realmente havia acontecido daquela maneira? Muito do que está escrito segue fielmente o que me foi relatado e pode não ser 100% do jeito que se passou. Acredito que isso deixe o trabalho com um toque folclórico, mas não sei até que ponto, jornalisticamente falando, é válido.

Um fato que acredito ser significativo escrever é que tive certa tristeza por ter entrevistado apenas homens na realização do TCC. O assunto é de fato o futebol masculino, mas, em minha experiência de graduação, insisti e lutei pela importância de termos mais jornalistas mulheres trabalhando na área esportiva. Ter escolhido um tema que não me facilitou conversar com mulheres me deixa frustrada e pesarosa. Me parece ser meio irônico o que defendi comparado ao que escrevi. Talvez seja válido citar essa mea culpa.

Desde o início do ano, tenho refletido comigo mesma a relevância do esporte – principalmente o futebol – na sociedade. Acredito que o futebol pode ser visto pelo menos de duas maneiras, as quais posso usar duas citações:

O futebol poderia ser do ponto de vista da fábrica, uma excelente estratégia para manter os operários concentrados no trabalho e, assim, atingir o nível de produção esperado pela Companhia. ROSA, 2011 (p. 131)

Uma simples bola de futebol junta diversas pessoas, de diferentes classes sociais, sejam elas moradoras de um bairro nobre, ou da favela, tendo essa última se tornado o maior "celeiro" de jogadores do Brasil. FLORENTINO, 2014 (p.24)

O futebol – e, claro, os outros esportes – pode ser considerado ao mesmo tempo ópio, analgésico, paixão, fascínio e oportunidade do povo brasileiro. Ele é uma forma de fugir da realidade, de transformá-la e de juntar

peessoas com histórias de vida muito diferentes em prol de uma motivação só. De fato, não importa a cor de pele, classe social ou vivência cultural, estão todos torcendo pelo mesmo ou jogando por um objetivo similar: uma bola na rede, um ponto marcado, uma vitória. Parece banal, mas, se não for o esporte um jeito bonito de unir a sociedade, qual seria outro?

O trabalho do jornalista é o de mostrar e reforçar esse ideal, apresentando o esporte como um projeto social que visa beneficiar as pessoas. Acredito que, enquanto nossa visão como comunicadores não valorizar a importância do trabalho na área, não vamos utilizar todo esse potencial de transformar a sociedade através do esporte.

Essa pequena reflexão só foi possível a partir de um ensino público de qualidade, que forma todos os anos profissionais com mentes críticas e construtivas. A oportunidade de estudar na UFSC e receber a instrução de professores bem formados e informados foi fantástica. O convívio e troca de experiência com os colegas enriqueceu muito isso. E, com certeza, o esforço de meus pais de me proporcionar isso jamais será esquecido.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

6.1 Livros

APPEL, Valdir. **Na boca do gol**. Itajaí/SC. S&T Editores, 2006.

APPEL, Valdir. **Onde ele pisa nascem histórias**. Brusque/SC. Editora Nova Letra, 2014

DIAMANTARAS, Spyros Apóstolo, KLÜSER, Adalberto Jorge & MATOS, Felipe. **O time da raça**: Almanaque de 90 anos do Avaí Futebol Clube. Florianópolis/SC. Editora Nova Letra, 2014

GERCHMANN, Léo. **Viagem à alma tricolor em 7 epopeias**. Porto Alegre/RS. Editora Age, 2016.

MACHADO, César do Canto. **História do futebol catarinense**. Florianópolis/SC. Editora Insular, 2000.

PUCCINI Jr., Vilmar & PUCCINI, Ítalo. **A trajetória de Puccini: O resgate de uma época dourada, romântica e gloriosa, na vida e no futebol**. Joinville/SC. Acervo do autor, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: Crônicas de futebol**. São Paulo/SP. Companhia das Letras, 1993.

SILVA Jr., José da. **Histórias que a bola esqueceu**. Florianópolis/SC. CMM Comunicação, 1996.

6.2 Artigos

CAMPOS, Emerson César de & CARDOSO, Michele Gonçalves. **Esporte e cidade: O mundo do futebol a partir do sul catarinense/1910-1960**. [REVISTA CONTEMPORÂNEA – DOSSIÊ HISTÓRIA & ESPORTE]. Ano 4, nº 4 | 2014, vol.2.

6.3 Trabalhos acadêmicos

D'Ávila, Diogo. **Paula Ramos Esporte Clube: Crônicas de uma agremiação que marcou seu nome na história do futebol catarinense**. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo na UFSC, 2007.

FLORENTINO, Julia Menin. **Futebol: Um fascínio na nação brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física na UFMS, 2014

ROSA, André Luiz. **Operários da Bola: Um estudo sobre a relação dos**

trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 e 1950. Mestrado em História Cultural em História na UFSC, 2011.

6.4 Jornais

Jornal A Notícia de Joinville/SC

Jornal Diário Catarinense de Florianópolis/SC

6.5 Site

Kons, Paulo Vendelino. **Geomorfologia do Estado de Santa Catarina.**

<http://pt.slideshare.net/Nefer19/geomorfologia-do-estado-de-santa-catarina-curso-de-guia-de-turismo> (acesso em 02/11/2016)